

## **O Gênero Epidíctico em Cícero**

**Sandra Verônica Vasque Carvalho de Oliveira<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Este estudo tem como escopo identificar e apresentar alguns recursos utilizados por Cícero, no discurso Pro Marcello, na tentativa de confirmar a sua classificação dentro do gênero epidíctico – um dos gêneros do discurso formulados por Aristóteles. Tem, ainda, a finalidade de demonstrar determinados usos e escolhas particulares que o autor possa ter empregado para alcançar seu objetivo de louvor a César.

**Palavras-Chave:** Pro Marcello, Gêneros, Epidíctico

### **The epideictic genre in Cicero**

**ABSTRACT:** This study has the objective to identify and provide some resources used by Cicero in his speech Pro Marcello in an attempt to confirm their classification within the epideictic genre – one of the genres of discourse formulated by Aristotle. It also has the purpose of demonstrating certain uses and particular choices he may have used to reach your goal to praise Cesar.

**Keywords:** Pro Marcello, Genres, epideictic

## **1 INTRODUÇÃO**

Entre os três gêneros do discurso, assim divididos por Aristóteles, há o epidíctico. Características desse gênero estão presentes no discurso Pro Marcello, de Cícero. Pretende-se, desse modo, investigar, sucintamente, alguns momentos e de que modo o autor faz uso de tais características, fazendo-se análise dos recursos utilizados, por ele, para isso. Intenciona-se, igualmente, pesquisar que funções além da persuasão podem servir ao mesmo em tal discurso. Assim, intenta-se coletar dados, na obra supracitada, que apresentem os recursos estilísticos e retóricos usados por Cícero para persuadir o público ouvinte a admirar e louvar César – principal destinatário do discurso selecionado para análise – acolhendo a sua opinião em

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras Clássicas (UFRJ) e Professora da UNIABEU.

relação à importância e aos feitos de César. Do mesmo modo, pretende-se entender as condições e finalidades que conduziram a constituição do discurso dentro desses moldes.

Inicialmente, são procurados, então, alguns elementos característicos, assim como propulsores, do discurso epidíctico no texto eleito para estudo – mas com nuances particulares do orador. Assim, esse estudo espera ampliar o olhar sobre as possibilidades ilimitadas presentes em oradores como Cícero.

## **2 A RETÓRICA E CÍCERO**

### **2.1 Sobre a retórica**

Para a realização da análise de um discurso, na procura de características de um determinado gênero e de como o orador responsável pelo discurso faz uso dessas características, é forçosamente necessário o entendimento, entre outros dados, de elementos da retórica.

A retórica seria a arte do bem se expressar, com estilo e argumentos, tendo a intenção de expor idéias de forma lógica para outrem, com a finalidade de influenciá-lo e persuadi-lo de algo. Precisa comover e convencer para que possa conduzir o raciocínio do ouvinte. Como diz Reboul (2000, p.13) é “ a articulação dos argumentos e do estilo numa mesma função”. Acrescenta ainda que é: “a arte de persuadir pelo discurso” e “Por discurso entendemos toda produção verbal, escrita ou oral, constituída por uma frase ou por uma sequência de frases que tenha começo e fim e apresente certa unidade de sentido.” (p. 14)

De acordo com Reboul (2000 p.24), Aristóteles assim percebe a retórica:

Ela não se reduz (...) ao poder de persuadir (subentendido ninguém de coisa nenhuma); no essencial, é a arte de achar os meios de persuasão que cada caso comporta. Em outras palavras, o bom advogado não é aquele que promete a vitória a qualquer custo, mas aquele que abre para a sua causa todas as probabilidades de vitória.

Já Platão, segundo o mesmo estudioso, entendia a retórica como a “que se auto define como arte onipotente, não é arte de modo algum, pois é cega no que faz e no que quer. Por ignorar o verdadeiro, não é nem mesmo verdadeiro poder”(p.26)

A respeito da retórica latina, Barilli assim a apresenta:

a retórica latina dos primeiros séculos vive sobretudo da reconstrução histórica que dela fez Cícero no Brutus (...) Na base de uma documentação directa (sic), a retórica latina começa só nos inícios do século I a.C. com dois tratados: a Rhetorica ad Herennium, durante muito tempo atribuída a Túlio, ou seja, ao próprio Cícero, enquanto hoje nos inclinamos a ver aí a obra de um autor muito próximo dele, mas distinto; e o De inventione, autenticamente ciceroniano, mas escrito num período jovem (...), de tal modo que o Autor o renegará depois, ou o confiará à indulgência dos leitores. (BARILLI, 1979, p. 39)

Contudo, para esse estudioso, o pensamento ciceroniano só galgará relevo nessa questão no ano 56 a.C., como assim comenta:

É pois necessário esperar alguns decênios e chegar pelo menos ao ano 56 a.C do De oratore para que o pensamento ciceroniano se manifeste em toda a sua imponência. Seja como for, esta é de tal forma grande que faz desse um dos grandes momentos da retórica; ao lado do da negação platónica (sic), e do da olímpica aceitação e organização aristotélica, o modelo ciceroniano vem introduzir o triunfo, o privilégio da retórica, fazendo-a elevar-se ao nível de arte das artes. (BARILLI, 1979, p. 41)

Para o autor, Cícero chega a esse patamar “preparando uma visão de mundo, uma concepção global da cultura, na qual a retórica encontra um papel centralizador e unificador.” (p. 41) Essa concepção seria própria da visão da romanidade republicana e do senado, baseada no primado da práxis sobre a teoria. O negotium impondo-se ao otium. Durante o primeiro, o cidadão romano deve limitar-se à res publica, à prática. (BARILLI, 1979)

Cícero, ao se debruçar sobre a retórica, conforme ponderações de Barlli, não acrescenta nada ao arsitotélico, mas o reformula, fazendo supressões e deslocções, com simplificações. Não deixa, por isso, de ser original. Por exemplo, na concepção ciceroniana, desaparece a analítica e é conferido maior valor à dialética. Nesta, ele procede a uma grande reestruturação das partes. Assim confirma o estudioso: “não há introdução de novos elementos, mas uma redistribuição das partes; todavia, também esta é uma forma de originalidade, mérito que deve ser indubitavelmente reconhecido a Cícero” (p.43)

Nos dizeres de Bobes (1995, p. 159):

Cicerón es el gran orador romano, que representa la concepción ‘filosófica’ de la retórica, a la que considera como una ratio discendi que exige amplios y profundos conocimientos de las artes e las ciencias, y sobre todo de la

filosofia; en ningún caso entiende la retórica como la aplicación mecánica de las reglas de la elocuencia.

Conforme a autora, Cícero entende a retórica não somente como a arte do falar, mas, além disso, a arte do pensar. Não é uma ciência, uma técnica especial. É uma arte geral, conduzida pela sabedoria, tendo a filosofia como a base para o preparo, a formação do bom orador. Sobre a retórica, conforme as convicções de Cícero, o bom orador traz consigo o talento inerente da eloquência, a qual necessita ser lapidada com ensino profundo de cultura geral, que os gregos chamavam de Paidéia e Cícero denominou Humanitas. Seria aquela instrução nas áreas que ele entendia como essenciais. (REBOUL, 2000)

No discurso Pro Marcello, os recursos retóricos utilizados por Cícero tentam persuadir, ou levar a platéia a acreditar que César, ao perdoar Marcello, foi ainda mais vitorioso do que ao vencer a guerra e ainda mais clemente, ou melhor, o mais clemente de todos. Pode-se perceber ainda, a intenção do orador em conseguir a sua própria aceitação junto aos expectadores, já que ele mesmo havia se voltado contra o governante, assim como Marcelo.

Entende-se que seu uso se justifica quando os discursos visarem à persuasão, pois são direcionados ao ouvinte, especificamente, com a intenção de fazê-lo favorável, ou não, à causa apresentada pelo orador. A persuasão é justamente levar alguém – o ouvinte – a crê, acreditar em algo. A argumentação, por sua vez, leva à persuasão, visando sempre produzir a crença em algo.

E por que diríamos, como Aristóteles, Cícero e Reboul (2000), que usar recursos retóricos é fazer arte, ou melhor, que a retórica é uma arte? Segundo o último, a palavra arte é uma tradução do grego techné e possui certa ambiguidade. Isso porque é um termo que designa “tanto uma habilidade espontânea quanto uma competência adquirida através do ensino” e também porque, do mesmo modo, designa ora uma simples técnica e ora um ato criador, ultrapassando a técnica. A retórica seria a união de todos esses sentidos dados à palavra arte.

Portanto, o bem expressar, através da retórica, pode ser uma coisa nata, mas, igualmente, um orador pode aprender técnicas para melhor expressão e comunicação. Mas a técnica, na retórica, está aliada à capacidade de o orador em descobrir argumentos específicos e mais eficazes para sua causa, usando o seu estilo próprio para alcançar seus objetivos.

No caso do autor aqui estudado, Cícero, ele também se dedicou aos studia da retórica, assim como tantos outros de sua época, mas se destacou por ter uma aptidão, uma capacidade,

que nos parece nata, para influenciar os seus ouvintes. Quando, em *Pro Marcello*, faz uso, por exemplo, de recursos próprios do gênero epidíctico, demonstra o nível da habilidade que detinha para manipular as opiniões.

Logo, desempenhou, na execução desse discurso, o que poderíamos apontar e o que estritamente chamamos aqui de arte da retórica: o uso de técnicas adquiridas pelo estudo somadas à capacidade singular do orador em fazer suas escolhas na hora de proferir um discurso. Pode ser considerado, assim, um orador que se esmera em encontrar no seu caso tudo o que ele pode ter de persuasivo.

## 2.2 Sobre Cícero e a retórica

Além de outros trabalhos, Cícero produziu vários discursos políticos que, de acordo com Rayes (1942), são falhos em relação à unidade, pois se prestam às mais variadas circunstâncias. Muitos foram, também, os discursos jurídicos que, para Bornecque, “Deslocam ou escamoteiam os problemas essenciais e os fatos. Cícero estava, aliás, em seu direito de advogado, ao dissimular as fraquezas da causa que defendia” (1976, p. 32). Para o autor, Cícero tinha a habilidade de desviar o discurso das causas principais, conduzindo-o, desse modo, de forma insuperável, à comoção dos juízes.

Sobre os tratados de retórica, Cícero foi o primeiro, em Roma, a escrevê-los. Os principais são denominados de *De Oratore*, *Brutus* e *Orator*. Em *De Oratore*, são expostas as suas idéias sobre a arte da oratória. Ele acreditava ser o talento o principal ingrediente para essa arte, mas sendo necessário desenvolvê-lo por meio de cultura ampla sobre vários assuntos como as ciências, a História, o Direito, e a Filosofia, além de conhecimento apurado dos modelos anteriores. Em *Brutus*, é apresentada a história da eloquência em Roma. No *Orator*, Cícero defende a própria eloquência contra os Áticos.

Além dos tratados retóricos, ele também foi o primeiro romano a escrever tratados de Filosofia. Entre eles, figuram as obras de teoria política *De Republica*, *De Legibus*; e os de pura filosofia *De Finibus Bonorum et Malorum*, *Tusculanae Disputationes*, *De Officiis*; e obras sobre problemas religiosos como *De Natura Deorum*, *De Divinatione*.

Na verdade, Cícero foi um grande advogado que, em algumas obras, teorizou sobre sua própria prática, ou seja, a partir de sua experiência e de conhecimentos adquiridos de teóricos anteriores a ele, escreveu as suas teorias. Assim se confirma em: “Cicerón es un práctico que se recoge a meditar sobre su experiencia, um artista que habla de su arte, um

orador que construye su teoría según los ensanamientos de la acción oratoria.” (REYES, 1942, p. 85)

Traçando um perfil a respeito da capacidade de Cícero como orador, Reyes (1942, p. 82) assim assevera:

Lo cierto es que ‘Cicerón es interesante’. Lo acompaña el aura verbal. Va cobijado en la enciclopedia, aunque algo combiante y movediza, y traza la senda de todo verdadero humanismo. Explora con feliz instinto la naturaleza, la historia, el alma, cielo y tierra. (REYES, 1942, p. 82)

Reyes ainda acrescenta ser indispensável à história política, econômica, à filosofia e ao direito conhecer Cícero, devido à grande importância e contribuição nessas áreas e muitas outras.

La historia política no puede dispensarse de conocerlo: mucho antes de Tito Livio o de Dionísio de Halicarnaso, nos brinda el relato de los antiguos reyes, así como es el primer autor que cuenta de los Gracos. La historia económica tampoco podría ignorarlo, porque a él debemos la descripción más precisa sobre las compañías financieras por acciones, organizadas en Roma para explotar las provincias. No podría olvidarlo la filosofía, porque él es arsenal de noticias, fuente principal para los tres siglos anteriores al Cristianismo y porque él determinó la vocación espiritual de San Agustín. El derecho encuentra en sus páginas la noción de la “guerra justa”, que luego reaparece en San Agustín, Isidoro de Sevilla, Graciano, Santo Tomás, Suárez y Grocio. (REYES, 1942, p. 83)

Sabe-se que Cícero tinha o poder sobre a palavra e sobre ela edificava as suas causas, através do discurso elaborado. Quanto a essa excepcional força e poder de Cícero sobre a língua, Reyes (1942, p.82), o chama de “hijo y padre de la palabra” e assim descreve:

El conecedor de la lengua que fue Cicerón difícilmente admite rival. A pesar de su purismo instintivo, y aun debido a eso, es capaz de ensanches idiomáticos para recoger los matices del pensamiento griego. No es poco haber puesto a la ruda lengua latina en estado de recibir la cultura helénica. El tono varía con el asunto, aunque la continuidad en la perfección lo disimula a los ojos de los lectores apresurados. (REYES, 1942, p. 84)

Para o próprio orador, os discursos que proferiu não devem retratá-lo como pessoa nem tão pouco deixar transparecer as suas convicções. Ao contrário do que propunha Aristóteles, Cícero aprovava e utilizava, quando houvesse necessidade, mentiras capazes de

realçar os argumentos favoráveis à causa. Contudo, isso não deveria retratá-lo, por exemplo, como um mentiroso. As mentiras estavam a serviço de um bom discurso, sendo assim, favoráveis à causa.

Em certa ocasião, segundo Reyes, o orador teria proferido publicamente as seguintes palavras: “Se engaña quien crea encontrar em nuestros discursos la expresión de nuestras personales opiniones. Nuestros discursos son el lenguaje de la causa y de las circunstancias, no del hombre y del oraodr”. (REYES, 1942, p. 86)

A linguagem empregada por Cícero nos discursos, em que a eloquência serve à causa e não à verdade universal como propunha Aristóteles, acaba por se tornar a linguagem da oratória em si mesma (REYES, 1942, p. 86)

Já para o grego, a retórica deveria estar a serviço do verdadeiro e do justo. Conforme, seus escritos, a arte de persuadir devia valer-se da honestidade e da justiça, consideradas bons argumentos para conquistar um auditório. Cícero, dessa forma, a modifica

### **2.3 Sobre Pro Marcello**

No que diz respeito a Pro Marcello, trata-se de um discurso em que Cícero demonstra estar agradecido a César por este ter concedido o perdão a Marcelo, amigo do orador durante toda a vida. Quando o profere, Cícero rompe um silêncio de anos. O último, anterior a esse, teria sido Pro Milone (52 a.C.).

Marcus Claudius Marcellus dedicou-se amplamente à retórica e ao direito e foi grande jurisconsulto, orador e advogado. As convicções políticas que possuía o tornavam inimigo de César. Sendo Cônsul, em 51 a.C., opôs-se fortemente às ambições do mesmo. Com o início da guerra civil, no ano de 49 a.C, segue o partido de Pompeu, contra César. Havendo a vitória deste na Fasália, Marcelo decide exilar-se voluntariamente, na ilha de Lesbos. Nesse local, mais tarde, recebeu o comunicado sobre o perdão concedido, por César, em 46 a.C. Contudo, não chega a usufruir de tal indulto. Na volta a Roma, ao passar pela Grécia, é assassinado por um companheiro de exílio, Mágio Quilão.

#### **2.3.1 O Gênero epidíctico no Pro Marcello**

Os gêneros dos discursos são divididos em três tipos: o judiciário, o deliberativo e o epidíctico. Segundo Reboul (2000), Aristóteles viu a necessidade de dividir os discursos por

esses três gêneros, pois, se existem espécies de auditórios diferentes e as finalidades são também diversas, para cada um, deve haver uma forma diferente de direção das palavras.

As características principais desses três gêneros esse autor (2000) apresenta: O discurso judiciário tem como público o tribunal e como objetivo acusar ou defender. Ele faz referência ao passado, ou seja, os fatos já passados devem ser julgados. Os valores que o norteiam são o justo e o injusto. O deliberativo ou político tem como público a Assembléia (Senado), aconselha ou desaconselha tudo que diz respeito ao coletivo da cidade. Ele faz referência ao futuro, pois pretende influenciar decisões. Quanto aos valores norteadores desse discurso, há a preocupação com o ser útil ou nocivo em relação à cidade, ao interesse coletivo, não se importando com a justiça ou a falta dela. Já o discurso epidíctico tem como auditório os espectadores – aqueles que assistem ao discurso. Serve para censurar ou louvar um homem, uma cidade, um herói etc – refere-se ao tempo presente, pois pretende angariar a admiração dos espectadores. É pautado nos valores nobres ou vis. Em tal discurso, uma dessas características é realçada em relação a alguém, a algum lugar etc.

Nos três tipos, a forma de argumentação também é diversa. No judiciário é usado o raciocínio silogístico, o deliberativo dá preferência ao uso de exemplos e o epidíctico ao uso de amplificações. Em relação à persuasão, própria da retórica, no discurso epidíctico, não é imediata e sim em longo prazo. Não dita uma escolha, mas orienta escolhas futuras.

O Pro Marcello trata-se de discurso em que são encontradas as características do gênero epidíctico. Por ser proferido em agradecimento ao perdão de César a Marcelo, utiliza elementos de louvor ao governante. O orador procura valorizar o ato de César, demonstrando a sua importância, bem como tenta conseguir a admiração dos espectadores.

Do § 9 ao § 12, por exemplo, Cícero fala da imortalidade adquirida pelo governante, por ter vencido a muitos e, principalmente, a si mesmo. Teria vencido não somente as batalhas bélicas contra o inimigo, mas a sua própria ira, com a altivez daqueles que nasceram para a imortalidade. Segundo orador, César não se deixou abater pela raiva contra os que a ele deram as costas, além de não se deixar dominar pela soberba da vitória. Observamos bem essa opinião do orador nas seguintes palavras:

*Att uero cum aliquid ... Clementer, mansuete, iuste, moderate, sapienter factum, in iracundia praesertica, quae natura insolens est superba est, aut audimus aut legimus, (...)*

(Por outro lado, na verdade, quando ou ouvimos ou lemos que alguma coisa foi feita com clemência, com brandura, com justiça, com moderação, com

sabedoria, sobretudo na cólera, que é inimiga da prudência e na vitória, que é de natureza insolente e soberba, (...)

Quanto ao tempo utilizado no discurso, para realçar a clemência de César e o seu poder bélico, fazendo com que ele seja admirado pelos espectadores no presente e reconhecido no futuro, Cícero recorre a argumentos retirados de feitos do passado:

(...) Cum ea, quae illa erat adepta, uictis “remisisti”.  
(Quando restituíste aquelas coisas aos vencidos, que ela havia conquistado)

E remete aos reconhecimentos futuros:

Itaque, C. Caesar, bellicae tuae laudes “celebrabuntur” illae quidem non solum nostris, sed paene omnium gentium litteris atque linguis;  
(Desse modo, Caio César, aquelas tuas glórias bélicas, seguramente, serão celebradas, não somente os nossos, mas nos escritos e línguas de quase todos os povos;)

No que diz respeito aos valores realçados nesse discurso, pode-se salientar a nobreza de César, exposta pelo orador, ao conceder o perdão a Marcelo. Destaca-se, como exemplo dessa demonstração de valor, o passo em que Cícero diz ter César, ao perdoar Marcelo, feito resgatar a lembrança de todos os nobres Marcellos.

(...) quibus tu etiam mortuis, M. Marcello consequato, dignitatem suam reddidiste; nobilissimamque familiam, iam ad paucos redactam paene ab interitu uindicasti.  
(aos quais, mesmo mortos, tu devolveste, quando conservaste Marco Marcelo, a sua dignidade e livraste quase da destruição uma família muito nobre, já reduzida a poucos.)

Ao expor a participação individual nesse fato, realça novamente o valor de César perante o público:

Haec enim res unius est propria C. Caesaris; (...). Huius autem rei tu idem et dux es et comes; (...)

(De fato, esse feito é próprio unicamente de Caio César (...). Desta ação, todavia, tu és, no entanto, o mesmo (ao mesmo tempo), não só o chefe, mas também o companheiro (...);)

Sobre a vontade do discursador em dar evidência aos valores de governante, para que o público o admire e o louve, os trechos abaixo oferecem grande exemplo:

quae quidem tanta est, (...), at haec tua iustitia et lenitas animi floescet quotidie magis, (...).

(Esta é realmente tão grande (...) mas por outro lado essa tua justiça e bondade de espírito florescerão cada dia mais, (...))

O orador emprega para isso, também, o que se chama de pergunta retórica – um dos mecanismos persuasivos da retórica. Esse tipo de interrogação tem a intenção de persuadir o público a pensar na resposta já esperada pelo orador. Ela já existe e a pergunta serve para consolidar a resposta pré-existente.

Exemplo disso, no texto, são as perguntas a seguir:

quibus laudibus efferemus? Quibus studiis prosequemur? Que benevolentia complectemur?

(Com que louvores te exaltaremos? Com que cuidados te acompanharemos? Com que benevolência te abraçaremos?)

Outros mecanismos são as chamadas figuras de retórica. Elas podem servir a outros fins que não à retórica. Contudo, para que sejam consideradas próprias dessa arte têm de desempenhar papel persuasivo (REBOUL, 2000)

A figura, nesse sentido, serve, assim como os antigos a entendiam, para evocar o prazer, relacionando-a ao delectare e, algumas vezes ao mouere. Ela servia na retórica para: “uma fruição a mais, uma licença estilística para facilitar a aceitação do argumento”. (REBOUL, 2000 p. 114). É, então, considerada um meio de empregar e conduzir o argumento. No Pro Marcello, encontram-se algumas figuras utilizadas com tal finalidade.

Nas interrogações apresentadas anteriormente para exemplificar a pergunta retórica, verifica-se a repetição dos pronomes interrogativos quibus e qua no início das frases, o que se pode denominar de anáfora. Esse recurso é amplamente utilizado nos discursos de Cícero.

Já o uso de amplificações é um recurso característico dos discursos epidícticos, para aumentar o valor ou a falta de valor daquele que se louva ou censura. Em Pro Marcello, tem-se o exemplo abaixo, em que o superlativo do adjetivo bonus amplia a bondade de Marcelo, aumentando, por conseguinte, a bondade de César em perdô-lo.

Equidem cum C. Marcelli, uiri optimi, (...) (grifo nosso)  
(Na verdade, quando, de Caio Marcelo, varão boníssimo(...))

Além disso, tal amplificação pode ser notada no pronome *tantus* presente no trecho abaixo, em que Cícero eleva o valor da ação de governante:

(...) *quae quidem tanta est,*  
 (... Esta é certamente tão grande)

E no superlativo de *nobilis* nesse trecho:

“(...) *nobilissimam que falmiliam,* (...) (grifo nosso)  
 (...uma família muito nobre...)

Os exemplos acima citados fornecem alguns subsídios para que possamos classificar o discurso em estudo como sendo do gênero epidíctico. Mas qual seria a função ou as funções encontradas nele? Seria somente a função legada pela retórica clássica, que é a de persuadir pelo convencimento argumentativo e oratório, ou poderia contemplar outras funções?

Reboul (2000), além da função persuasiva, apresenta a hermenêutica, a heurística e a pedagógica. A função hermenêutica seria a de interpretação. Interpretar outros discursos e outros oradores, que podem estar em consonância ou não com o seu próprio discurso. A função heurística seria a de descoberta. Um discurso teria a função de descobrir, saber, encontrar algo, esclarecer alguma coisa. A função pedagógica seria a retórica ensinada. Teria a função de ensinar a própria retórica, a própria arte do bem expressar, do bem comunicar.

Pro Marcello é um discurso retórico apenas com função persuasiva, ou guarda outras funções?

Quando, no capítulo VIII, parágrafo 24, por exemplo, Cícero tenta interpretar o que César pensa de sua própria vida, poder-se-ia caracterizar uma função interpretativa do pensamento de César. Ele fala em função do discurso do governante, porque o compreende, ao mesmo tempo em interpreta o que os senadores acham de César. Sabe para quem está falando, compreende, interpreta o discurso do outro. Seria, então, o uso da função hermenêutica da retórica. Essa função também poderia estar a serviço do gênero epidíctico?

E sobre as condições de realização do discurso? O que poderíamos analisar? Um texto, um discurso contém um conteúdo temático, certo estilo, que pode caracterizar determinado gênero. Por outro lado, um texto só é produzido em se pensando nas condições e finalidades de sua realização. Como as situações de interação são imensamente variadas, assim também podem ser os gêneros. O conteúdo de um discurso é assim constituído na relação que pretende ter com as condições e finalidade de sua realização.

Pensando no Pro Marcello, quais seriam as condições e as finalidades para essa produção de Cícero: Quais foram as intenções estilísticas empregadas por ele para que atingisse os seus objetivos? E que condições existentes no ato, no momento e no interlocutor o levaram às escolhas?

As questões históricas e de momento pós-guerra; a relação de amizade do orador com Marcelo; as impressões dos senadores presentes, no momento do discurso, em relação a si próprio; as impressões também de César sobre ele – tudo isso serviu de parâmetro para a construção do discurso. A intenção de se fazer aceito pelo governante e pelos outros – afinal ele também, assim como Marcelo, foi oposição a César – teria sido condutora das escolhas discursivas.

Além disso, ao discursar, naquele momento, existia o ato de interação entre o orador e o público. O que foi dito só de disse, num momento de ação – com intenção. E essa ação induziu, certamente, as escolhas, as preferências lexicais, fraseológicas e gramaticais, ou seja, as opções estilísticas do dizer.

O gênero, então, nessa perspectiva, é um dizer que prevê algo, ou presume, o modo como o destinatário entende a mensagem. Em um determinado momento e circunstância é um dizer único, irrepetível. É uma fala que, sendo singular, ainda assim, se realizada em função do que o outro pensa ou deve pensar. O Pro Marcello, pode ter presente, desse modo, também a função hermenêutica.

### **3 CONCLUSÃO**

Entendemos o Pro Marcello como pertencente a um tipo de discurso classificado, de acordo com as teorias aristotélicas, como epidíctico. As características desse gênero, com as especificidades de estilo, de estrutura e de conteúdo foram já, há muito tempo, delineadas. Contudo, mesmo sendo dessa forma classificado, podemos perceber a presença do estilo individual do autor. Naqueles momentos em que a criatividade retórica do orador contribui e acrescenta ao discurso. Mesmo assim, não podemos dissociá-lo totalmente do gênero.

Será possível que, em algum momento, por conta do poder criativo e de individualidade do autor, o discurso tenha ido de encontro às estereotípias do gênero, ampliando as características deste?

Acreditamos que foi, de fato, isso que ocorreu nesse discurso de louvor. Cícero foi além das especificidades do gênero no qual está classificado. Com a capacidade inerente de um dos melhores oradores de quem se tem notícia, com os recursos retóricos natos que detinha – e os adquiridos pelos estudos - e com a finalidade maior de alcançar seus objetivos,

ampliou os limites e incluiu na sua fala recursos individuais, a partir da intenção naquele momento específico de ação.

#### **4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.

BARILLI, Renato. *Retórica*. Tradução de Graça Marinho Dias Lisboa: Editorial Presença, 1979.

BOBES, Carmen et alii. *História de La teoría literaria*. Madri: Gredos, 1995.

CICÉRON. *Pour Marcellus*. Texte établi et traduit par Marce Lob. Paris: Belles Lettres, 1952.

DESBORDE, Françoise. *La rhétorique antique – L’art de perduader*. Paris: Hachete, 1996.

DUBOIS, Jean et alii. *Retórica geral*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. Duílio Colombini e Elenir de Barros. São Paulo: Cultrix, 1974.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Tradução e prefácio de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

PERELMAN, Chain. *Tratado de argumentação – a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Recebido em 14 de julho de 2011. Aprovado em 8 de agosto de 2011.